

# GALERIA REPUBLICANA

**Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA**

**Director:** — Magalhães Lima. — **Collaboradores:** Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Anselmo Xavier, B. Machado, B. Pinheiro, Costa Goodolphim, Gomes Leal, G. Benevides, João Monteiro, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Maria L. Caldas, Reys e Sousa, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 26

Janeiro — 1883

2.º anno

## LÉON GAMBETTA

Léon Michel Gambetta nasceu em Cahors a 3 d'abril de 1838, proveniente de uma familia de negociantes remediados d'origem genevoza.

Principiou os estudos preparatorios no pequeno seminario da sua terra natal terminando-os no lyceu, onde alcançou triumphos brilhantes. Matriculou-se seguidamente na Universidade de Paris, na faculdade de direito. Em 1859 inscrevia-se como advogado nos tribunaes, sendo durante algum tempo secretario dos celebres Lachaud e Cremieux.

Encarregou-se desde logo da defeza d'algumas causas importantes, taes como a do operario das officinas Cail, accusado de conspirar contra o Estado, e as de Buloz e Ernest d'Hervilly perseguidos por abuso de liberdade de imprensa. Tomou uma parte activa no movimento eleitoral de 1863; porém o seu nome só se tornou verdadeiramente notavel no celebre processo Baudin.

Este processo, que deu um golpe profundissimo no imperio, teve a origem seguinte:

A 2 de janeiro de 1851, os membros da assembléa nacional, reunidos na mairie do 10.º arrondissement declararam Luiz Napoleão Bonaparte, o biltre de Sedan, fóra da lei e destituido do poder. No dia seguinte os representantes do povo Baudin, Brillier, Bruckner, de Flotte, Dulac, Maigne, Malardier e Victor Schoelcher, acompanhados por uma dezena de cidadãos armados de espingardas, levantavam uma barricada á entrada do *faubourg* Saint Antoine. Quando se achavam n'este trabalho appareceram tres companhias do 19.º d'infanteria, que avançaram vagarosamente para a barricada.

«Em nome da Constituição, gritou Victor Schoelcher, escutae o nosso appello. — Vinde defender connosco a lei e tereis feito a vossa gloria.»

«Retirae-vos, respondeu o capitão comandante da primeira companhia, tenho ordens expressas para fazer fogo e vou cumpril-as.»

Os representantes do povo despresaram então a soldadesca e agitando os chapéus

1848, no departamento do Norte e um dos deportados pela lei denominada de segurança publica, o seguinte, assignado por Charles Quentin. — «Um jornal annuncia que a 2 de novembro, dia de finados, estarão fechados os cemiterios de Paris.

Esse jornal estava evidentemente mal informado. Não se pode impedir um povo de se honrar a si proprio, honrando a memoria d'aquelles que lhe legaram grandes exemplos, d'aquelles que, como Godefroy Cavaignac, sacrificaram a sua vida em prol da liberdade, d'aquelles que, como Baudin, cabiram martyres, defendendo a lei.»

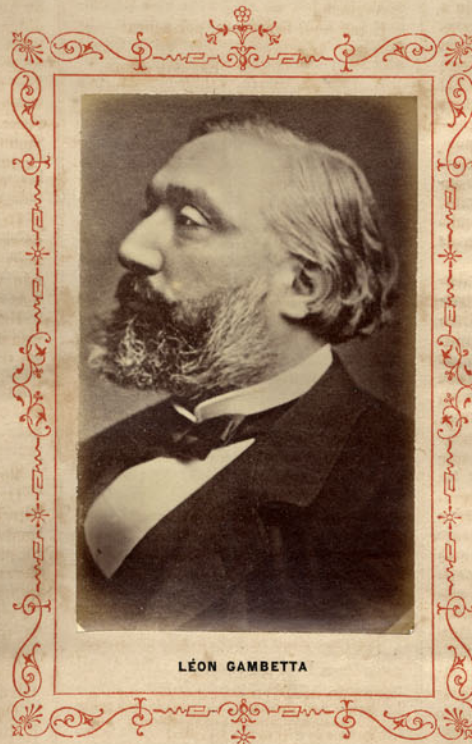
Com effeito, no dia de fieis, Charles Quentin redactor do *Reveil* e muitos dos seus amigos foram ao cemiterio de Montmartre depór coróas sobre a sepultura de Godefroy Cavaignac.

Juntou-se povo e fallou-se de Baudin, cuja sepultura se ignorava. Um individuo Gaillard, descobriu-a por acaso e logo se reuniu muita gente em volta d'ella pedindo a Quentin que orasse.

Este cedeu e o seu discurso foi coberto de vivas á liberdade e á Republica.

*L'Avenir national* referio no dia immediato as particularidades d'essa manifestação e abriu uma subscrição para se elevar a Baudin um monumento digno do valente deputado, subscrição aberta ao mesmo tempo pelo *Reveil* e *La Revue politique*. Tanto bastou para que o ministro da justiça mandasse proceder judicialmente contra os referidos jornaes e os manifestantes. O juiz respectivo processou os srs. Challemeil La-

cour, redactor em chefe de *La Revue politique*, Peyrat, redactor em chefe do *Reveil*, Charles Quentin, redactor do mesmo jornal, Duret, gerente do jornal *La Tribune*, Gaillard pae e filho, e Abel Peyrou-ton, principaes manifestantes, accusados todos de terem tentado perturbar a paz publica e excitar odio e desprezo contra o governo, realisado combinações sediciosas



LÉON GAMBETTA

exclamaram — «Viva a Republica! Viva a Constituição.»

Partiu uma descarga. Baudin caiu fulminado, com a cabeça esmigalhada por tres balas.

Dezeteze annos depois, a 29 d'outubro de 1868, lia-se no *Reveil*, jornal hebdomadario dirigido por Delescluze, antigo commissario do governo provisório de

no interior, delictos castigados e precisos pelos artigos 2.º da lei de 27 de fevereiro de 1858 e 4.º do decreto de 4 d'agosto de 1848.

O julgamento começou a 13 de novembro no tribunal correccional do Sena. Os defensores dos reus eram os srs. Crémieux, Emmanuel Arago, Gambetta, Clement Lauzier, Leblond e Hubbard.

A 14 coube a palavra a Gambetta, o defensor de Delescluze. O discurso que pronunciou foi brilhantissimo, d'uma eloquencia e d'uma logica excepçãoes. Dir-se-hia que a patria e a liberdade se erguiam n'aquelle momento para esmagarem o imperio pela voz do notabilissimo orador. Cada phrase sua era um chicote a retalhar as faces dos criminosos de dezembro. Ao mesmo tempo que esfarrapava o velho regimen, que lhe descobria corajosamente as chagas, fazia a apologia dos republicanos de 1848 com uma delicadeza misturada d'uma vehemencia que admiram e encantam.

O auditorio enthusiasmava-se até ao delirio arrastado pela verdade sublime expressa sob uma forma bellissima, que resaltava d'aquelle grande oração; e o juiz, que reconhecia o mal terrivel que aquelle homem estava causando ao imperio não ousava levantar-lhe a minima objecção, tão engenhosamente elle architectava e expunha os factos.

A grande reputação de Gambetta data d'esse dia. Entrou no tribunal como um simples advogado intelligente; sahio de lá transformado n'um dos primeiros homens da França, o que é o mesmo que dizer — n'um dos primeiros homens do mundo.

A questão Baudin foi a base politica da vida d'esse homem tão energico, tão intelligente, tão vigoroso, tão republicano, tão sublime emfim, que a morte não acaba de roubar, e por isso lhe citamos todas as particularidades.

A oração de Gambetta *achou* o tribunal, mas o tribunal era bonapartista e portanto tinha de cumprir o seu fadario. Condennou Delescluze a seis mezes de prisão e 2:000 francos de multa. O reu apellou e a 12 de dezembro do mesmo anno o seu advogado teve occasião de pronunciar um discurso tão brilhante como o primeiro, conseguindo que a multa do seu cliente descesse a 50 francos, não obtendo todavia qualquer diminuição no tempo de reclusão.

«Na vespera do processo, dizia um escriptor, fallava-se de Sadowa, do Mexico e do Papa. No dia seguinte só se fallava do 2 de dezembro e o Imperio, descoberto e deshonrado em virtude da sua origem criminosa, achava-se condemnado.»

Em março de 1869 defendeu em Toulouse o jornal *L'Emancipation*, sendo alvo d'uma ruidosa manifestação de sympathia por parte dos habitantes d'aquella cidade.

Nas eleições de deputados do mesmo anno apresentou-se em Paris e Marsella como candidato da *oposição irreconciliavel*, proferindo nas reuniões publicas preparatorias discursos eloquentissimos, que produziram o maior enthusiasmo. Em Paris derrotou Carnot, o illustre e respeitavel democrata, que obteve apenas 9:142 votos, ao passo que elle obteve 21:734 em 35:417 votantes. Em Marsella derrotou no primeiro escrutinio o celebre Thiers que obteve 3:581 votos, o tambem cele-

bre Ferdinand Lesseps que obteve 4:535 e o marquez de Barthelemy que obteve 3:075, quando elle obteve 8:663. Como a eleição ficasse empatada procedeu-se a segundo escrutinio d'onde sahio eleito deputado por 12:865 votos.

Extraordinaria popularidade!!

Gambetta optou por Marsella.

No parlamento manteve sempre o seu caracter de deputado radical e irreconciliavel com a realza. Pronunciou n'esse periodo dois discursos importantes; um contra a prisão do seu collega Henri Rochefort, a 7 de fevereiro de 1870; outro contra o plebiscito, no qual via a negação de toda a constituição, a 5 de abril do mesmo anno.

Recusou-se, depois da desgraçada declaração de guerra à Prussia por parte da França, a aproveitar-se dos embaraços com que o governo lutava para declarar a revolução. Não titubeou porém um instante em o fazer em seguida ao desastre de Sedan, tornando-se um dos valentes campeões da Republica. Proclamada esta em 4 de setembro de 1870 fez parte immediatamente do governo da defeza nacional sendo nomeado no dia seguinte ministro do interior. Passados tres dias assignava com os seus collegas o decreto convocando os collegios eleitoraes para 18 de outubro, a fim de elegerem uma Assembléa Constituinte. As difficuldades levantadas pela marcha rapida dos prussianos sobre Paris demoraram as eleições

A França estava exhausta; os seus exercitos eram derrotados em toda a parte; as suas melhores cidades caíam em poder do inimigo; a delogação, nas provincias, do governo da defeza nacional não tinha força nem coragem para levantar o animo das populações, organisal-as, disciplinal-as, armal-as, leval-as ao combate; era necessario para tanto um homem extraordinario, excepcional, unico — um genio. Esse homem genial e extraordinario foi Gambetta, um inexperiente nos negocios, um rapaz que nunca fóra ministro, sem pratica das tricas administrativas e golicas, dois annos antes ainda um pobre advogado em Cahors, um desconhecido.

A França agonisava; pedia soccorro estorcendo-se nos paroxismos da morte. Paris estava cercada, Bazaine não tinha exercito... vendera-o, entregara-o covardemente como um canhal, o mais infimo dos miseraveis; Mac Mahon não tinha exercito... ficara nos campos de Sedan; a flor do militarismo francez... morrerá n'uma lucta heroica e desesperada pela patria; o inimigo occupava tudo... estava ali... batia ás portas da capital. Quem havia de salvar a França?

Um dia o exercito allemão accordava espantado. De Paris saíra um balão. O inimigo teve o presentimento de que n'aquelle balão ia o coração da patria e fez-lhe fogo. O balão subiu, subiu, subiu... cá em baixo havia um milhão de homens a chorar, com os olhos fitos n'elle, anhelando-lhe uma viagem santa e outro milhão a amaldiçoal-o, vociferando, desejando-o ardentemente para fusilar aquelle ousado viajante que assim arrostava as suas coieras e as coieras da natureza!

Os desgraçados foram felizes n'aquelle instante supremo. O balão passou serenamente ao de cima das tendas inimigas e desceu em Tours largando um homem —

o coração da patria — Léon Gambetta — o infeliz que nos morreu ha trinta dias na força da vida, do talento, da gloria, da fortuna.

Gambetta não descانçou, Elle conhecia bem a sua missão.

Espalhou proclamações, cuja linguagem patriótica produzia nas provincias uma profunda impressão, e um nobre enthusiasmo. Fez-se ministro do interior, da guerra e da fazenda ao mesmo tempo. Homem de palavra e de acção intrometia-se em tudo — na administração publica, na organização do exercito, nas combinações estrategicas de gabinete, nas operações sobre o campo da batalha, etc.

Multiplicava-se. Trabalhava em tudo e apparecia em toda a parte. Hoje em Tours, amanhã em Orleans, além em Lille, depois em Lyon. Onde houvesse um plano a levantar, um exercito a formar, coragens a sustentar, desordens a apasiguar, lá estava Gambetta. As populações campesinas cahiam-lhe aos pés e estendiam-lhe os pulsos. Para ellas aquillo não era homem, era Deus!!!

Esta phrase da vida de Gambetta é brilhantissima, e encarado á sua luz aquelle plebeu de Cahors apparece-nos tão grande quanto os seus detractores nos apparecem pequeninos.

Oh! não ha nada igual na Historia!

Gambetta passou assim quatro mezes da sua vida, n'uma actividade devorante, poderosamente coadjuvado pelo sr. Freycinet. Entre os seus actos e discursos mais notaveis d'este periodo citaremos: o decreto chamando as guardas nacionaes mobilizadas e encarregando os departamentos das despesas necessarias á sua organização; a proclamação annunciando á França a rendição de Metz e a traição de Bazaine, appellando n'esta occasião mais para a energia nacional (31 de outubro); a conclusão, com os capitalistas inglezes; a dissolução dos conselhos; a organização successiva de dois exercitos do Loire commandados pelos generaes d'Aurelle de Paladines e Chaney, e do exercito do norte, confiado primeiramente ao general Bourbaki, depois ao general Faidherbe; emfim, sob a direcção do general Bourbaki a campanha d'Este, cujo desastre foi precipitado pelo armisticio.

Quando a fome trouxe o desenlace da rendição de Paris e por conseguinte o fim da guerra, Gambetta aceitou este desenlace murmurando e taxando-o de *leviano*, tal era o seu patriotismo.

Nas eleições de 8 de fevereiro de 1871, apesar do seu excepcional talento lhe haver creado já poderosos inimigos que o não poupavam na imprensa e na tribuna, sahio eleito deputado por Paris e por:

Bas-Rhin por 56:621 votos; Haut-Rhin por 52:917; Moselle por 37:047; Meurthe por 47:211; Seine-et-Oise por 18:530; Bouches-du-Rhone por 62:739; Alger por 12:423 e Oran por 6:142.

No parlamento moderou-se mais e apoiou o governo do sr. Thiers apesar da diversidade de principios entre os dois.

A 5 de novembro de 1871 appareceu, sob seus auspicios, *La République Française*, jornal diario inteiramente anonymo, redigido pelos srs. Challemeil-Lacour, Alain Targé, Ranc, Spuller, G. Isambert, Paul Bert, Georges Avenel, André Lefèvre, Ph. Burty, etc. Este jornal adquiriu,

desde logo muita importancia e é hoje um dos mais authorisados de França. Mais tarde, a 12 de abril de 1876, fundou-se *La Petite République Française* do preço de 5 centimos, que attingiu immediatamente uma extraordinaria tiragem, destinada a levar ás classes operarias a politica de Gambetta.

O seu primeiro acto publico importante depois da guerra, foi a allocução que pronunciou a 14 de julho de 1872, na Ferté-sous-Jouarre, n'um banquete organiado em commemoração da tomada da Bastilha. Proclamou n'essa allocução a necessidade de reconstituir a união das classes medias, a importancia da instrucção secular e obrigatoria e do serviço militar universal, a inauguração d'uma politica de conciliação e concordia, coroada pela amnistia.

Em 1873 encontramol-o de novo activamente na brecha contra os clericos e n'esse anno principia a terceira phase brilhantissima da sua vida. Depois da constituição do gabinete Broglie-Benlé denunciou a circular do sr. Pascal, secretario geral do ministerio do interior, na qual aquelle funcionario convidava os prefeitos a atrahirem os jornaes republicanos á causa conservadora; pronunciou-se enericamente contra a construcção da egreja do Sacré Cœur e contra os obstaculos levantados á liberdade dos enterros civis. O governo oppoz-se á reproducção dos seus discursos chegando a perseguir tenazmente os jornaes que d'elles publicaram simples extractos.

Em fevereiro de 1874, tomou a iniciativa da interpellação da esquerda sobre a politica interior pronunciando um violento discurso contra o ministerio, que produziu no paiz extraordinaria sensação.

Ao sr. Broglie succedeu o sr. Fourtou, mas Gambetta não cessou na guerra cruel encetada contra o governo clerical e interpellou duramente o sr. Fourtou sobre as manobras bonapartistas reve'adas n'um documento apresentado por Cyprien Girard. O sr. Rouher caiu na tolice, respondendo, de citar a revolução de 4 de setembro, o que motivou esta apostrophe notavel do grande tribuno.

«*Ha homens a quem não reconheço titulos nem qualidades para pedir contas á revolução de 4 de setembro: — são os miseraveis que perderam a França.*»

Chamado á ordem pelo presidente, replicou ainda:

«*E' certo que a expressão que empreguei é mais do que um ultrage, é um ferrete e por isso a mantenho.*»

Sublime!

Nos ultimos mezes de 74 trabalhou na concordia dos diferentes grupos republicanos, conseguindo-a, e obtendo em resultado a adopção da emenda Wallon (21 de fevereiro de 1865) a lei sobre o Senado (24 de fevereiro) e a constituição (25 de fevereiro) que tornava a Republica o governo legal da França.

Nas eleições geraes de 20 de fevereiro de 1876 foi eleito deputado por Paris, no 20.º *arrondissement*, por 11:389 votos; na 2.ª circumscripção de Lille por 9:108 votos; na 1.ª circumscripção de Bordeaux por 11:696; na 1.ª circumscripção de Marseille por 6:359.

D'ahi em diante o sr. Gambetta tornou-se o verdadeiro chefe da maioria republicana da camara. A 28 de janeiro de

1877 foi reeleito presidente da commissão do orçamento.

A 4 de maio do mesmo anno, aproveitando as declarações do sr. Jules Simon sobre a politica do ministerio a respeito de Italia, demonstrou com que promptidão o partido ultramontano obedecia a uma ordem partida de Roma, insistiu sobre a grande influencia que elle tinha adquirido em França sobre as classes burguezas e terminou esse esplendido discurso por esta phrase de Peyrat: — *O clericalismo, eis o inimigo.*

A 16 de maio o ministerio Jules Simon deu a demissão, obrigado a isso por uma carta do jesuita de farda Mac-Mahon. No dia seguinte foi chamado ao poder o decaído ministerio Broglie Fourtou. Estava chegado o momento do eminente tribuno prestar mais um assignalado serviço á Republica, o maior talvez que lhe prestou sob o ponto de vista politico, e que será uma das suas eternas glorias.

Vendo a Republica em perigo desenvolveu de prompto toda a sua excepcional actividade e incarnando a França em si percorreu todos os cantos do paiz excitando os animos, enthusiasmando os fracos e os tibios, gritando constantemente a todos: — *O clericalismo, eis o inimigo.*

Logo que o novo governo se constituiu, interrogou-o Gambetta na camara sobre os boatos que corriam de dissolução e concorreu com todo o seu talento e prestigio para que a camara votasse a ordem do dia declarando que *não concederia confiança senão a um governo d'acção livre e resolvido a governar segundo os principios republicanos.*»

Esta ordem ficou conhecida na historia pela ordem do dia dos 363.

Durante a suspensão das sessões e enquanto o ministerio Broglie-Fourtou começava a *remezer o paiz* Gambetta esforçava-se por tranquilisar a França nos discursos proferidos — um em Amiens, a 9 de junho, — o outro em Abbeville a 11.

Na tempestuosa sessão de reabertura das camaras, a 16 de junho tomou a palavra no meio das interrupções da direita e flagellou valentemente o jesuita Fourtou qualificando o governo de *governo dos curas* e avançando a conhecida prophesia — *Em 1830 sahiram da camara 221 e voltaram 270. Affirmo-vos que, partindo 363, voltaremos 400.*

Em seguida á dissolução da camara, Gambetta trabalhou noite e dia. Organizava *comités*, dirigia jornaes, assistia a banquetes politicos, orava, etc.

A 15 de agosto, ao terminar o banquete que lhe offereceram em Lille o sr. Teselin e os antigos deputados d'essa região, proferiu o celebre discurso que tanto barulho produziu em França e na Europa e que foi o golpe mais rude atirado a Mac-Mahon, discurso conhecido pela notabilissima phrase — *Submeter-se ou demittir-se* — que valeu ao seu author uma condemnação a tres mezes de prisão e 2:000 francos de multa.

A 3 de setembro morreu Thiers, o que deu a Gambetta ainda maior preponderancia entre os republicanos. Nas eleições de 14 de outubro sahiu eleito deputado por Paris por 13:812 votos. A sua prophesia cumpriu-se n'essas eleições e Mac-Mahon não só teve de se submeter mas até de se demittir.

Estava salva a Republica e a elle prin-

cipalmente se devia! D'ahi em diante é bem conhecida a sua vida até ao triste acontecimento que n'este instante se deplora.

A 30 de janeiro de 1879 elegeram-no presidente da camara 314 deputados em 405 votantes.

A 10 de novembro de 1881, depois das eleições geraes de 20 de setembro em que o seu grupo politico se tornou o mais numeroso e importante, foi encarregado pelo presidente da republica de organisar ministerio, incumbencia de que se desan-carregou a 14 d'esta forma:

Gambetta, presidencia e estrangeiros.  
Waldeck Rousseau, interior.  
Camponon, guerra.  
Allain-Targé, fazenda.  
Raynal, obras publicas.  
Gochery, correios e telegraphos.  
Coujeard, marinha.  
Deves, agricultura.  
Proust, bellas artes.

Este ministerio cabiu na sessão de 26 de janeiro de 1882 em virtude d'uma dissidencia entre elle e a camara sobre a revisão da constituição.

O ministerio queria a revisão limitada, a camara illimitada e d'esse desacordo surgiu o conflicto que derribou aquelle sem lhe deixar o tempo de poder demonstrar de quanto era capaz.

Eis aqui ao correr da penna os traços biographicos d'um dos homens mais notaveis do presente seculo, morto na flor da vida, com um futuro tão risonho deante de si, quando mais util podia ser ao seu paiz e á humanidade.

A perda de Gambetta é uma perda enorme, que nós todos, os republicanos, sempre choraremos.

II.

## ECCOS DE HESPANHA

Aquelles que na brecha noite e dia escudados no amor d'um povo ardente levaram de vencida finalmente a velha e enraizada monarchia,

Giram hoje com cynica ousadia em volta do poder; e loucamente mostram á patria o quadro permanente da Realza premiando a apostasia.

E no mundo official tudo lampeja! as honras, as riquezas, os prazeres, com tanta profusão que causa inveja!

D'outro lado não ha senão deveres, insultos, oppressão, miseria, fome... e uma coisa no ar que não tem nome,

GERMANO VENDRELL.

## A religião e a liberdade

O rei da soberbia está a apparecer; e, se é licito dizel-o, o exercito, que prepara para se servir, é um exercito de sacerdotes; porque já combatem em defesa do reino do orgulho, tendo sido estabelecidos para ensinar o caminho da humidade.

S. GREGORIO MAGNO.

Não é nova a lucta entre a liberdade e os falsos apóstolos de Christo: surge sempre mais tenaz na proporção que os povos se illustam. Vae-lhes aquelles faltando o terreno; o mundo desfaz as sombras em que se agrupava uma classe de hypocritas, e elles vendo que o edificio das suas grandezas se desmorona ao sopro da liberdade, contorcem-se nas iras ignobéis e abjectas dos animaes damninhos, a quem a luz estonteia o cerebro.

Pobre porção desvaivada da humanidade. Christo veiu dar ao homem um codigo

sublime de moral universal. Amarás o teu proximo como a ti mesmo; não matarás nem roubarás, disse Deus nas alturas do Sinaí ao legislador do povo hebreu.

Jesus desenvolveu aquellas grandes theses; os apóstolos percorreram o mundo e ensinaram a nova doutrina.

Os pobres e os pequenos levantaram os olhos para Christo, estenderam as suas mãos supplicantes, e amaram-o como se ama o bem e a innocencia.

Mas os poderosos do mundo, aquellos a quem os thesouros se duplicavam e centuplicavam, levantaram o grito de guerra contra os humildes apóstolos, que lhes miavam os seus thronos de barro.

Aspirava-se a uma regeneração completa da humanidade, a um ideal perfeito da unidade christã.

Os homens que tiveram o mesmo berço e a mesma origem encontravam-se divididos em castas. O sudra, o ilóta, o pária, o escravo, e o servo, e os senhores.

D'onde partiu esta desigualdade social? Do direito da força na infancia do mundo, mais tarde na desigualdade intellectual. D'aquí nasceu o quadro lastimoso da escravidão antiga. Só uma revolução completa podia amontoar em ruínas as pedras do ergastulo, quebrar as cadeias ignominiosas do escravo.

Eis o que fez Jesus.

A ideia nova augmentou em proselytos; ergueu-se a egreja, como um templo dos sacerdotes do bem. Assim foi até ao 4.º seculo, em que a ambição de Constantino tomou posse da religião como uma arma poderosa para alargar a esphera do seu poder. A religião sublime de Christo perdeu desde então a sua feição evangelica. O cenaculo converteu-se n'um sumptuoso palacio; as vestes singelas dos apóstolos mudaram-se em roupas esplendidas. A missão do padre, que era a da paz, converteu-se em missão de guerra. A barca de Pedro tornou-se n'um reino: na frente do chefe da egreja juntaram-se duas corôas, a de rei e a de papa; o poder temporal e o poder espiritual. Os mesmos orgulhosos e avaros do poder que cercavam o throno dos reis pagãos, ligaram-se à egreja de Roma. Os idolatras também aqui encontravam ídolos; não recebiam em oblações sacrificios humanos, mas ouro e muito ouro. A religião de Christo acabou nas altas regiões: as maximas sublimes do Martyr do Calvario ficaram entretanto indeleveis no coração do povo. Mas a astucia dos poderosos teve o poder malefico de fanatizar as massas ignorantes. Para escudo das suas torpes ambições não foram buscar a doutrina de Jesus toda de misericórdia e piedade, procuraram ao terrivel Jehovah do Velho Testamento, que abre de par a par as portas do inferno aos peccadores do mundo, em vez de Christo, que estende os seus braços a toda a humanidade.

Mas ai de vós, escribas, phariseus e hypocritas, que tendes olhos e não vêdes!

Na alma do homem existe um grande sentimento que se chama liberdade, e esta, como o sol, illumina o cerebro, faz resplandecer a verdade, e fulmina o erro.

Por isso vós tremeis, satrapas do poder temporal, adeptos da infallibilidade, e vindes pregar com odio contra a liberdade, como se este sentimento não estivesse escripto no código de Jesus.

Religião e liberdade são duas ideias que

se completam, que se identificam como a alma e o corpo. A religião é o balsamo santo das nossas dores, é a base moral da sociedade.

Mas pela palavra religião deve entender-se a perfeita comprehensão de todos os deveres; é o homem limpando as lagrimas do seu semelhante, amparando o orphão, sustentando o invalido, perdoando ao que peccou e ensinando o ignorante.

Não é a braseira da inquisição, a goliha, o torno ou o borzeguim em que os ossos estalavam aos mais horribes tormentos; não é o jesuita que armava o braço homicida do vassallo contra o rei, e o rei contra o povo. Não é o jesuita mandando castigar com doze açoites, em recordação dos doze apóstolos, os servos que trabalhavam para elle um dia inteiro sobre os ardores do sol.

E' por isso, que vós, ó padres, quereis fulminar a liberdade moderna, por que ella vos descobre no passado e no presente qual fosteis e qual sois. E vindes ao pulpito levantar o odio da parte do povo contra os que amam a liberdade, para que fiquis só no campo manejando sem peias as vossas armas hypocritas.

Mas o vosso poder nefasto acabou: quando Mastai Ferretti se proclamava infallivel, fugia-lhe o poder temporal como um anathema, áquelle orgulho vão e treloucado.

A liberdade não é inimiga da doutrina de Christo; combate apenas a Religião de Roma.

Padres, a quem doam estas verdades que aqui vos deixamos, não é por odio que vos combatemos, é por que desejamos que os preceitos de Jesus se cumpram em toda a sua eloquente simplicidade. Que significa o luxo do alto clero, a sumptuosidade dos seus palacios, o poder com que tentaes dominar? Quem paga todo esse fausto deslumbrante? E' o trabalho do povo.

Se a religião está na consciencia, na comprehensão dos deveres sociaes, para que são todas essas formulas pagãs com que revestis o vosso culto?! Um papa, centenaes de bispos, de conegos, para que serve tudo isto, para que são uteis essas entidades?!

Quereis ser sacerdotes do bem, ide ensinar a ler os ignorantes, trabalhae, que não é trabalho vestir-vos com uma opa dourada e proferir meia duzia de palavras em latim.

A vossa missão é outra.

A liberdade descobre-vos, mata-vos.

A vossa agua tufana, ó jesuitas, já não a empregareis com facilidade, o veneno subtil dos Borgias evaporou-se dos seus frascos de crystal.

COSTA GOODOLPHIM.

CHRONICA

Teremos côrtes constituintes. Sobre este facto não ha já que duvidar. Fontes, olympico, o espaventoso, que ainda o anno passado se insurgia contra as reformas, está este anno resolvido a acceital-as com denodo e galhardia. Que lhe preste ao grande homem, o abrir dos olhos para o que se passa...

Mas o melhor é que a monarchia resolve acompanhar o *inclito varão* na sua

marcha simulada. Os constituintes, pelo beigo inchado do sr. Preto, deitaram-se a adoral-o e a dizer-lhe cousas ternas, mysticas, cheias de mysterio e de lepra. *Elles botaram amor, os maganões! amam-se!* E o caminho de ferro da Beira-Baixa, lue passa por algumas quintas do sr. Vaz, será feito, para gloria da galopagem eleitoral e miseria do povo d'estes reinos do sr. Luiz Gonzaga & C.º E a carta será *feticivamente* reformada a aprazimento da camarilha d'el-rei e tal...

A situação é esta, já o disse o *Antonio Maria*.

\* \* \*

Acabo agora de assistir a duas festas extraordinarias, meu amigo: uma na *associação eleitoral e escolar Pinto Ribeiro, outra no Club Mousinho da Silveira*. Um enthusiasmo sagrado reinou em ambas ellas, um verdadeiro delirio, uma explosão de sincero e desinteressado patriotismo.

Felicitemos os dois clubs por estas manifestações brilhantissimas, e... avante!...

\* \* \*

Eu gosto muito que cada um pague aquillo que deve. E' uma questão de honestidade, de resto. Porisso me enthusiasmei sinceramente, quando vi que os republicanos portuguezes pagaram a sua dividida de gratidão e de reconhecimento a Xavier de Paiva, um genuino poeta popular, que do povo veiu e que para o povo trabalhou. A *Galeria* foi representada pelo seu proprietario.

Infelizmente a *Galeria* não pôde dar o retrato do mallogrado moço por o não haver.

Estes são os que mais valem, porque, desajudados dos meios de fortuna, souberam guindar-se onde outros não trepam senão á custa de muitos *salamaleks* e zumbais fementidas.

Honra pois, á memoria de Xavier de Paiva.

CABRION.

EXPEDIENTE

Galeria Republicana

Primeiro anno, encadernada em panno chagrin e pasta dourada.....	35000
Idem, em papel chagrin.....	30000
Idem, em folhas soltas.....	25000
Almanach da Galeria Republicana.....	6120

Acceitam-se collecções para encadernar ao preço de 500 e 4500 reis, sendo o porte do correio para as provincias por conta de seus donos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a João José Baptista, largo do Passeio Publico, 17, tabacaria Victor Hugo, Lisboa.

Condições da assignatura

Os srs. assignantes de anno, receberão como brinde o almanach da *Galeria Republicana* para 1884. Quem angariar 40 assignaturas receberá uma gratis. As assignaturas são pagas adiantadamente, sem o que não são satisfellas.

LISBOA

Anno ou 24 numeros.....	45000
Semestre ou 12 numeros.....	27500
Trimestre ou 6 numeros.....	15000
Numero avизо.....	6100

PROVINCIAS E ILHAS

Anno ou 24 numeros.....	45000
Semestre ou 12 numeros.....	28000
Brasile, anno ou 24 numeros (moeda forte).....	30000
Africa e estrangeiro acresc. o porte do correio.	